

**ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE À LUZ DA LITERATURA BÍBLICA E
DA LITERATURA FANTÁSTICA:**

Encontros com o(a) outro(a) em tempos de intolerância

**OTHERNESS AND IDENTITY CONSTRUCTION IN THE LIGHT OF BIBLICAL LITERATURE AND
FANTASTIC LITERATURE:**

Encounters with the other in times of intolerance

Marcio Simão de Vasconcellos*

RESUMO

A proposta da palestra é abordar o tema da alteridade como elemento essencial à construção da própria identidade, identificando essa temática na literatura bíblica e na literatura fantástica de autores como Ítalo Calvino e Graciliano Ramos. Para tanto, refletiremos sobre a literatura fantástica como *locus* teológico e, a partir dessa afirmação, apresentaremos narrativas extraídas de obras dos autores acima para evidenciar essa relação.

PALAVRAS-CHAVE

Alteridade; Identidade; Literatura Fantástica; Bíblia.

ABSTRACT

The purpose of the lecture is to address the theme of alterity as an essential element in the construction of one's own identity, identifying this theme in biblical literature and in the fantastic literature of authors such as Italo Calvino and Graciliano Ramos. Therefore, we will reflect on fantastic literature as a theological *locus* and, based on this statement, we will present narratives taken from the works of the above authors to highlight this relationship.

KEYWORDS

Alterity; Identity; Fantastic literature; Bible.

INTRODUÇÃO

Alteridade e identidade são elementos essenciais à vida. Nossa formação enquanto seres humanos – isto é, o processo de humanização a que somos submetidos desde o nascimento – pressupõe o(s) encontro(s) com o(s) outros. Para existir a identidade, é necessária a alteridade, pois somos resultantes das relações que mantemos, tanto interna como externamente a nós. As diversas faces que nos interpelam – e aquelas dimensões da nossa psiquê, quiçá ainda desconhecidas – é que tornam possível o nascimento e o desenvolvimento de quem somos. Todo sujeito, afinal, é sempre construído entre os outros. Como bem afirma Paul Ricoeur:

* Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-RJ); mestre em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-RJ); especialista em Ciências da Religião (FATERJ); bacharel em Teologia (UMESP e STBSB); licenciatura em Pedagogia (UNIGRANRIO). Coordenador e professor do curso de Teologia da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO).
E-mail: marciosvasc@gmail.com

Uma história de vida se mistura à história de vida dos outros. (...) O embaralhamento em histórias, longe de constituir uma complicação secundária, deve ser considerada a experiência princeps no assunto: primeiramente embaralhamento nas histórias antes de qualquer questão de identidade narrativa ou outra.¹

Mistura, diversidade, encontros... tudo coopera para demonstrar que a alteridade auxilia na construção da própria identidade. E nesse percurso – que é, parafraseando a obra de F. Nietzsche, humano, demasiado humano – a arte, em suas mais variadas expressões, se apresenta como lugar de sentido para a vida e para comunicação das inquietudes humanas. Nas palavras de Ferreira Gullar: “a arte existe porque a vida não basta.”² Para nossa reflexão, importa apresentar toda a fala do escritor maranhense:

Sobre poesia eu não penso, eu simplesmente faço: a minha poesia nasce do espanto. Qualquer coisa pode espantar um poeta, até um galo cantando no quintal. Arte é uma coisa imprevisível, é descoberta, é uma invenção da vida. E quem diz que fazer poesia é um sofrimento está mentindo: é bom, mesmo quando se escreve sobre uma coisa sofrida. A poesia transfigura as coisas, mesmo quando você está no abismo. A arte existe porque a vida não basta.³

O que Gullar afirma é a capacidade da arte em reconfigurar a vida, em repensar o mundo. Faz isso, não pela rejeição à realidade, mas pela sua redenção, a partir de um olhar mais integrador e, por isso mesmo, mais humano. O que se afirma para a arte em geral pode, obviamente, ser dirigido à literatura em particular. E mais especificamente, a esse gênero literário ainda relativamente desconhecido no Brasil, a saber: a literatura fantástica.

Conceituar literatura fantástica não constitui tarefa simples. Em sua obra *A Literatura Fantástica: caminhos teóricos*, Ana Luíza Silva Camarani apresenta uma descrição das principais tentativas de se definir o termo ao longo da história. Segundo a autora,

[...] apesar do grande número de estudos teóricos, alguns bastante recentes, há certa flutuação no que se considera como narrativa fantástica no sentido estrito do termo, isto é, uma modalidade literária muito bem definida. Essa oscilação pode ser explicada pelos traços comuns existentes entre o romance gótico, a narrativa fantástica e o realismo mágico, uma vez que essas três modalidades exigem, em sua construção, duas configurações discursivas diversas: a realista e a não realista, na qual o sobrenatural ou insólito se manifesta. Contribui para dificultar essas distinções a questão do desenvolvimento do fantástico a partir do século XX, indicado como fantástico atual, contemporâneo ou neofantástico.⁴

Longe de criar dificuldades para o estudo desse gênero literário, essa complexidade conceitual ajuda a ilustrar um dos elementos mais marcantes da literatura fantástica: sua “resistência” a ser enquadrada, por assim dizer, nos moldes de um racionalismo positivista dualista e redutor.

¹ RICOEUR, Paul. **O percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2016, p. 118.

² GULLAR *apud* TRIGO, Luciano. ‘**A arte existe porque a vida não basta**’, diz Ferreira Gullar. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html> (acesso em 29/10/2023)

³ *Ibidem*.

⁴ CAMARANI, Ana Luíza Silva. **A Literatura Fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Coleção Letras nº 9, p. 7.

[...] a literatura fantástica constituiu uma resposta aos anseios humanos por sensações e experiências que ultrapassassem os limites do racionalismo então presente na Europa e alimentado pela Revolução Francesa. Esgotado pela aridez de um racionalismo incapaz de fornecer respostas profundas sobre o sentido da vida, o ser humano necessita de algo que o faça transpor fronteiras, indo ao encontro de fenômenos que não pode conhecer completamente. Assim, sem negar a razão, a literatura fantástica amplia os espaços criativos do ser humano, apresentando-o ao elemento do indizível e do fantástico.⁵

A literatura fantástica, portanto, não constitui fuga do mundo, nem sua rejeição em nome da fantasia nela anunciada, mas sim uma “ruptura da ordem reconhecida, irrupção do inadmissível dentro da inalterável legalidade cotidiana, e não substituição total de um universo real por um exclusivamente fantasioso.”⁶. Dito de outra forma, a literatura fantástica permite ver e perceber a realidade de outro ponto de vista justamente porque se caracteriza pela intromissão do fantástico no ordinário da vida. A partir disso, a história revela-se aberta a inúmeras interpretações. O fantástico apresenta-se como uma possibilidade abundantemente criativa de se enxergar a vida. Pois se a literatura implica em partilha de pontos de vista e perspectivas humanas sobre a realidade apreendida pelo escritor, também por meio dela o mundo criado por ser reinventado. Pela literatura, inventa-se a vida de novo. Nada é fixo, rigidamente dogmático; tudo pode ser (trans)formado pela criatividade humana.

À luz do que vimos até aqui, buscaremos agora investigar como a literatura bíblica – também fantástica em algumas narrativas – compreende a relação alteridade-identidade.

1 A LITERATURA BÍBLICA E O CONCEITO DE IDENTIDADE E ALTERIDADE HUMANAS: O QUE SIGNIFICA SER HUMANO À LUZ DA ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA?

O ser humano é afirmado positivamente pela teologia judaico-cristã expressa no texto bíblico. No Antigo Testamento, o relato simbólico da criação de Deus termina com a declaração divina sobre a bondade inerente à matéria e ao ser humano em particular: “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom” (Gn 1.31). Por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano possui em si mesmo a vocação ao amor que se concretiza nas relações fundamentais que formam o ser. Dito de outra forma, o ser humano é compreendido como pessoa e ser relacional.

A visão do homem como pessoa não deve, assim, ser procurada na filosofia grega. Ela é uma criação própria do cristianismo. É resultado sobretudo da experiência dialógica entre Deus e o homem. Relação esta que [...] implica na decisão e na responsabilidade do ser humano. Este experimenta que não é um brinquedo nas mãos de um Criador ou de uma força impessoal, mas que é interpelado, vocacionado e chamado a responder aceitando o convite de Deus; experimenta que é chamado a ser colaborador, interlocutor, parceiro de Deus, por assombroso que isto possa parecer.⁷

⁵ VASCONCELLOS, Marcio Simão de. **Mística cristã e literatura fantástica em C. S. Lewis**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020, p. 247

⁶ CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: UFPR, 2006, p. 47

⁷ GARCIA RUBIO, Alfonso. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2006, p. 304

O ser humano, portanto, é convocado à alteridade. Como afirma Garcia Rubio, “tanto a teologia da salvação quanto a teologia da criação apresentam [...] a relação Deus-homem de maneira dialógica”⁸. Essa alteridade se dá em diversos tipos de relação, todos essenciais à vida humana. No relato da criação em Gênesis 1 e 2, isso fica claro: Adam (humanidade) é criada por Deus para relacionar-se com Ele. Ao descer na viração do dia para estar com o ser humano (cf. Gn 3.8), Deus assegura a alteridade como caminho de humanização e de espiritualidade. Este ser humano também é chamado a relacionar-se com o outro, exterior e diferente de si mesmo. “Não é bom que o homem esteja só”, afirma Deus, “far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18). Compreender bem os termos aqui utilizados é fundamental: a palavra traduzida por ajudadora é, em hebraico, *ezer*, termo que deve ser compreendido não numa condição de submissão hierárquica, mas como “aquela que está diante de”, mantendo igual dignidade como imagem e semelhança de Deus.

Mulher e homem são pensados e criados somente por Deus, e ambos são sua imagem e semelhança. A mulher é a *ezer* do homem, o que não significa “ajudadora”, como alguém que está em segundo plano ou a serviço, mas sim em relação de igualdade com o homem.⁹

O relato bíblico acentua essa dignidade na forma como apresenta o homem referindo-se à mulher: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2.23), poema que revela todo um universo de identificação e reconhecimento do outro como ser. A identidade humana é, portanto, construída a partir do encontro com a identidade do outro.

A alteridade à qual o ser humano é vocacionado por Deus também se volta para o interior de si mesmo. No relato do paraíso harmonioso, não há espaço para consciências culpabilizadas; a própria nudez é reconhecida diante de Deus, com coração agradecido e confiante em sua graça: “homem e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam” (Gn 2.25). Rejeita-se, aqui, toda antropologia pessimista e negativa em relação à ontologia humana¹⁰. O ser humano é criado em paz com Deus e com sua própria consciência.

Por fim, a alteridade se concretiza na relação do ser humano com o mundo em que habita. Segundo o relato de Gênesis, o ser humano é colocado no “jardim do Éden para o cultivar e o guardar” (Gn 2.15), narrativa que mostra a responsabilidade do ser humano junto ao mundo criado. De fato, o ser humano é chamado a co-criar, junto com Deus. O ato de nomear os animais (cf. Gn 19-20) é indício dessa tarefa. A esse respeito, o teólogo belga Adolphé Gesché escreve:

⁸ Ibid., p. 305

⁹ REIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração. Teologia bíblica feminista**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 47.

¹⁰ Na contramão desse entendimento, encontramos os tristes resultados de uma imagem de Deus e do ser humano distorcidas pelo medo e pela culpa, gerando uma enorme ênfase no pecado humano que, em determinados períodos da história (como na Idade Média, por exemplo) tornou-se insustentável. Como descreve Alfonso Garcia Rubio: “O horizonte, sempre presente, do profundo desprezo pelo mundo atual, a insistência na enormidade do pecado humano, a imagem de um Deus irado e vingativo, em quem a justiça punitiva sobressai sobre a misericórdia, só podiam levar a uma enorme culpabilização (...) Esta superculpabilização é decorrente do fato de que a realidade do pecado foi muito mais ressaltada, na época estudada, do que a experiência do perdão. E isto em conexão, claro está, com a imagem prevalecente de Deus: justo e castigador em detrimento de sua bondade e misericórdia.” (GARCIA RUBIO, Alfonso. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 193).

“Para que houvesse *verdadeiramente* começo e iniciativa, o ser humano foi criado”. O ser humano será como o sacerdote da criação, o auxiliar de que fala o Gênesis, aquele que vai dar ao mundo toda a sua acústica e realizá-la de fato. Essa ideia se encontra expressa de várias maneiras no relato inaugural [...].¹¹

Criados à imagem e semelhança de um Deus criador e criativo, somos nós igualmente chamados ao papel de responsáveis pelo cultivo do jardim gerado por iniciativa divina. Nesse sentido, a criação de Deus é incompleta, fato que nos convida a agirmos criativamente para preenchê-la. “O mundo não é entregue inteiro”, defende Gesché. Assim, prossegue:

Se a perfeição já existia, Merleau-Ponty mais uma vez teria razão de dizer que então não haveria mais nada, literalmente, a fazer, e a vida não teria mais sentido. Não é isso, porém, o que diz o texto judaico-cristão, no qual Deus nos deixa a “responsabilidade do jogo”, não cedendo assim do “jogo da morte”. [...] O ser humano é criado para criar para que tenha liberdade “assim na terra como no céu”. Deus não criou coisas, e sim “cirou a criação” algo que sempre deve se inventar e ser inventado, e onde o ser humano, criado criador, exerce a função insuperável de co-criador.

Ora, se é assim, é tarefa humana o cuidar dessa criação, o que implica em afirmar a evidente relação entre espiritualidade cristã e ecologia. A natureza, portanto, não pode ser interpretada a partir de lentes mercadológicas de um capitalismo neoliberal destrutivo, mas sim a partir de uma ótica integradora. A criação não é um objeto a ser explorado, mas é uma companheira de jornada rumo a Deus; uma irmã que compartilha esse espaço divino trazido à existência como graça de Deus. “Ter esquecido nossa união com a Terra deu origem ao antropocentrismo, na ilusão de que, pelo fato de pensarmos a Terra, podermos com justa razão colocar-nos sobre ela para dominá-la e para dispor dela ao nosso bel-prazer.”¹²

A alteridade em relação à Mãe Terra – nossa casa comum – exige reconhecer esse pertencimento ao mundo. Como afirma Boff:

Sentir que somos Terra nos faz ter os pés no chão. Faz-nos desenvolver nova sensibilidade para com a Terra, seu frio e calor, sua força, às vezes ameaçadora, às vezes encantadora. Sentir a Terra é sentir a chuva na pele, a brisa refrescante no rosto, o tufão avassalador em todo o corpo. Sentir a Terra é sentir a respiração até as entranhas, os odores que nos embriagam ou nos enfastiam. Sentir a Terra é sentir seus nichos ecológicos, captar o espírito de cada lugar, inserir-se num determinado local, onde se habita. [...] Ser Terra é ser concreto, concretíssimo. Configura o nosso limite. Mas também significa nossa base firme, nosso ponto de contemplação do todo, nossa plataforma para poder alçar voo para além desta paisagem e deste pedaço de Terra. Por fim, sentir-se Terra é perceber-se dentro de uma complexa comunidade com seus outros filhos e filhas.¹³

Destas quatro relações fundamentais – com Deus, com o outro, consigo mesmo e com o mundo – forma-se o ser humano. Por isso, como afirmamos no início, identidade e alteridade caminham juntas na construção da humanidade. Mas será que tal temática também perpassa a literatura fantástica? É o que veremos a seguir.

¹¹ GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Coleção Deus para pensar. Volume 2. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 71.

¹² BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do cuidado – compaixão pela vida**. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 76.

¹³ *Ibid.*, p. 76-77.

2 A LITERATURA FANTÁSTICA E O CONCEITO DE IDENTIDADE E ALTERIDADE EM SUAS NARRATIVAS: O QUE A FANTASIA NOS ENSINA SOBRE NÓS MESMOS?

Como afirmamos, a Literatura – e, mais especificamente, a Literatura Fantástica – é capaz de gerar reflexão sobre temas profundos relacionados à vida humana. Dentre esses temas, certamente encontra-se a construção da própria identidade a partir da alteridade. É esse tema que veremos agora, a partir de duas obras que apresentam, cada uma ao seu próprio modo, elementos do fantástico e do insólito que caracterizam esse gênero literário. A primeira obra foi escrita pelo alagoense Graciliano Ramos, certamente um dos mais importantes nomes da literatura brasileira. O segundo texto que analisaremos foi produzido por Ítalo Calvino, que se tornou um dos mais importantes autores da literatura italiana do século XX.

O conto de Graciliano Ramos que iremos analisar está no livro *Alexandre e outros heróis*, publicado originalmente em 1962. Intitulado *O olho torto de Alexandre*, a narrativa apresenta algumas das aventuras do personagem criado por Graciliano Ramos que, posteriormente, serviu de inspiração para a criação do personagem Pantaleão, imortalizado por Chico Anysio.

No conto, Alexandre está narrando, como de hábito, uma de suas histórias mirabolantes de caçada. Ao enfrentar uma onça-pintada, Alexandre acabou perdendo um olho e voltou para casa montado na própria onça. Ao chegar em casa, percebe que, com um olho só, consegue apenas visualizar as coisas e pessoas pela metade: havia perdido sua inteireza.

Uma desgraça, meus amigos, nem queiram saber. Antes de me espiar no vidro, tive uma surpresa: notei que só distinguia metade das pessoas e das coisas. Era extraordinário. Minha mãe estava diante de mim, e, por mais que me esforçasse, eu não conseguia ver todo o corpo dela. Meu irmão me aparecia com um braço e uma perna, e o espelho que me entregou estava partido pelo meio, era um pedaço de espelho. “Que trapalhada será esta?” disse comigo. E nada de atinar com a explicação. Quando me vi no caco de vidro é que percebi o negócio. Estava com o focinho em miséria: arranhado, lanhado, cortado, e o pior é que o olho esquerdo tinha levado sumiço.¹⁴

Diante do ocorrido, Alexandre decide retornar à mata para procurar o olho perdido. Depois de um tempo de busca, acaba encontrando no meio de um espinheiro:

Peguei nele com muito cuidado, limpei-o na manga da camisa para tirar a poeira, depois encaixei-o no buraco vazio e ensanguentado. E foi um espanto, meus amigos, ainda hoje me arrepio. Querem saber o que aconteceu? Vi a cabeça por dentro, vi os miolos, e nos miolos muito brancos as figuras de pessoas em que eu pensava naquele momento. Sim senhores, vi meu pai, minha mãe, meu irmão tenente, os negros, tudo miudinho, do tamanho de caroços de milho. É verdade. Baixando a vista, percebi o coração, as tripas, o bofe, nem sei que mais. Assombrei-me. Estaria malucando? Enquanto enxergava o interior do corpo, via também o que estava fora, as catigueiras, os mandacarus, o céu e a moita de espinhos, mas tudo isso aparecia cortado, como

¹⁴ RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p. 16-17.

já expliquei: havia apenas uma parte das plantas, do céu, do coração, das tripas, das figuras que se mexiam na minha cabeça.¹⁵

Alexandre fica assustado com a forma como estava enxergando o mundo à sua volta, mas logo percebe o motivo: “Refletindo, consegui adivinhar a razão daquele milagre: o olho tinha sido colocado pelo avesso. Compreendem? Colocado pelo avesso.”¹⁶. Assim que percebe o que havia ocorrido, decide recolocar o olho do jeito correto. Mas, apesar de ter sucesso nessa operação, passou a ver o mundo de forma diferente: “Meti o dedo no buraco do rosto, virei o olho e tudo se tornou direito, sim senhores. Aqueles troços do interior se sumiram, mas o mundo verdadeiro ficou mais perfeito que antigamente”¹⁷.

A analogia é evidente: olhar para dentro de si mesmo antes de olhar para o mundo ao redor torna esse mundo mais repleto de beleza e perfeição. O encontrar-se consigo mesmo (a alteridade interior) ajuda a desenvolvermos encontros com os outros (alteridade exterior). Assim, a narrativa nos presenteia com uma declaração antropológica importantíssima: há uma profunda relação entre a forma como vemos a nós mesmos e a forma como enxergamos o mundo. Dito de outra maneira, o conhecer-se a si mesmo, identificando o humano que habita em nosso interior, torna-se requisito para conhecer o humano que está fora de nós, no mundo e nas pessoas que encontramos. A alteridade é afirmada como condição *sine qua non* pode haver o humano.

O escritor italiano Ítalo Calvino é também um grande representante da literatura fantástica. Entre suas principais obras, podemos citar a trilogia OS NOSSOS ANTEPASSADOS, escrita no decorrer da década de 1950. Composta pelos livros *O Visconde Partido ao Meio*, *O Barão nas Árvores* e *O Cavaleiro Inexistente*, a trilogia aborda um dos temas mais importantes à vida humana: a identidade pessoal que anseia pela integração que supera os dualismos impostos pela existência. Neste artigo, analisaremos em especial o primeiro volume dessa trilogia: *O Visconde Partido ao Meio*.

Na obra, temos a história de Medardo di Terralba, um visconde que se encontra no meio de um conflito com os turcos. Por sua inexperiência em batalhas, o Visconde acaba levando um tiro de canhão no peito que o divide em duas metades iguais: “salvara-se apenas metade, a parte direita, que aliás se conservara perfeitamente, sem nem sequer um arranhão, excluindo aquela enorme rasgadura que a separava da parte esquerda estraçalhada”¹⁸. Graças à ajuda dos médicos, o visconde sobrevive, mas se encontra dividido: “estava vivo e partido ao meio”¹⁹. Com o tempo, os moradores da região percebem que foi a metade perversa do Visconde que retornou da guerra²⁰. Nos julgamentos que preside, suas sentenças são extremamente severas, condenando à morte tanto culpados como inocentes. Sua presença gerava temor e apreensão.

E assim o visconde cavalgava com um chapéu emplumado e de abas largas, cuja metade sumia debaixo de uma ponta do manto sempre esvoaçante. Onde se ouvia o barulho dos cascos de seu cavalo, todos fugiam mais rápido do que quando passava Galateo, o leproso, e escondiam as crianças e os animais, e temiam pelas plantas, pois a maldade do visconde não poupava ninguém e

¹⁵ Ibid., p. 17.

¹⁶ Ibid., p. 18.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ CALVINO, Ítalo. **O visconde partido ao meio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 20.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Ibid., p. 28.

podia desencadear-se de um momento para outro nas ações mais imprevistas e incompreensíveis.²¹

Partido ao meio e com apenas sua metade perversa, o Visconde torna-se verdadeira ameaça à vida dos habitantes da região. Sua imaginação era colocada a serviço da destruição dos outros. Todos os que ousavam discordar do Visconde sofriam as penalidades mais diversas, desde incêndios “misteriosos” provocados pelo próprio Visconde até o exílio ou mesmo a morte. As forças eram aperfeiçoadas e transformadas, pela habilidade dos marceneiros orientados pelo Visconde, em verdadeiros instrumentos de tortura.

Após algum tempo, a outra metade do Visconde – a metade inteiramente boa – retornou à região. A princípio, sua chegada foi celebrada como um grande evento, capaz de refrear as maldades de sua outra parte. “Assim, entre caridade e terror decorriam as nossas vidas. O Bom (como era chamada a metade esquerda de meu tio, em contraposição ao Mesquinho, que era a outra) era então tido como santo”²². Aos poucos, porém, a extrema bondade da parte boa do Visconde revelou-se como um peso aos moradores da região. Sua presença causava angústia entre os que, diante da pureza absoluta daquele ser, sentiam-se impedidos de viverem suas vidas de forma livre como haviam vivido até então. Tudo era compreendido pelo Bom como imoral, inadequado ou afrontoso a Deus. Até mesmo a festa e a música, que costumavam alegrar os mais pobres e excluídos da região, eram vistas como fontes de pecado pelo Bom.

[...] as intenções de meu tio [o Bom] iam mais longe: não queria apenas curar os corpos dos leprosos, mas também as suas almas. E andava sempre entre eles pregando moral, metendo o nariz nos negócios deles, escandalizando-se e fazendo sermões. Os leprosos não o suportavam. Os tempos beatos e licenciosos de Prado Cogumelo tinham acabado. Com aquela exígua figura rígida numa perna só, vestida de negro, cerimoniosa e distribuindo regras, ninguém podia fazer o que lhe apetecia sem ser recriminado em praça pública, suscitando *malignidade* e despeito. Até a música, à força de ouvi-la ser recriminada como fértil, lasciva e não inspirada em bons sentimentos, acabou provocando aversão, e os estranhos instrumentos deles se cobriam de pó. As mulheres leprosas, sem o desafogo das farras, viram-se de repente sozinhas diante da doença, e passavam as noites chorando e se desesperando.²³

A situação tornou-se tão insuportável que os moradores de Prado Cogumelo começavam a comentar: “Das duas metades, a boa é pior que a mesquinha”²⁴. O dualismo do Visconde causava grandes problemas às pessoas. Mas também trazia à tona algumas percepções que a metade boa do Visconde conseguia exprimir. Conversando com Pamela Marcolfi, a quem as duas metades do Visconde amavam, o Bom diz:

- Ó Pamela, isso é o bom de ser partido ao meio: entender de cada pessoa e coisa no mundo a tristeza que cada um e cada uma sente pela própria incompletude. Eu era inteiro e não entendia, e me movia surdo e incomunicável entre as dores e feridas disseminadas por todos os lados, lá onde, inteiro alguém ousa acreditar menos. Não só eu, Pamela, sou um ser dividido e desarraigado,

²¹ Ibid., p. 33.

²² CALVINO, Ítalo. **O visconde partido ao meio**, p. 74.

²³ Ibid., p. 85-86.

²⁴ Ibid., p. 86

mas você também, e todos. Mas, agora, tenho uma fraternidade que antes, inteiro não conhecia: aquela com todas as mutilações e as faltas do mundo.²⁵

Contudo, o dualismo do Visconde também impedia que ele se relacionasse amorosamente com Pamela, pois ela não conseguia aceitar a ideia de se casar com apenas a metade de um homem. O impasse no casamento entre o Visconde e Pamela conduz a história a um duelo entre as duas metades que acabam se ferindo mutuamente. Vendo o ferimento do Bom e do Perverso, o médico do povoado tem uma ideia: costurar as duas metades em um só ser. Após a operação e com ambas as metades reunidas novamente, Pamela pode exclamar: “Finalmente terei um marido com todos os seus atributos!”²⁶. O narrador da história – sobrinho do Visconde – conclui afirmando:

Assim, meu tio Medardo voltou a ser um homem inteiro, nem mau nem bom, uma mistura de maldade e bondade, isto é, aparentemente igual ao que era antes de se partir ao meio. Mas tinha a experiência de uma e de outra metade refundidas, por isso devia ser bem sábio. Viveu feliz, teve muitos filhos e fez um bom governo.²⁷

Mais uma vez, temos um exemplar de literatura fantástica que traduz conceitos antropológicos, filosóficos e até mesmo teológicos essenciais. Para ser humano, é preciso saber aceitar as partes que nos constituem como elementos postos em relação, não em guerra. Enquanto permaneceu dividido contra si mesmo, o Visconde era incapaz de ser uma pessoa, impossibilitado de amar. Somente após aceitar quem é – integralmente – o Visconde conseguiu viver de forma plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alteridade constitui base para a nossa formação como seres humanos e do mundo que nos cerca. Reconhecer o outro, em suas múltiplas facetas, é caminho para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e humana. Nesse sentido, reafirma-se o mandamento de Jesus em amar a Deus e ao outro como se ama a si mesmo (cf. Mt 22.37-39).

Nesse sentido, a própria teologia também é chamada a praticar a alteridade. Ela faz isso quando não se assume como resposta final e definitiva sobre as questões da vida, mas, antes, quando, ciente da fragilidade de seu próprio discurso, coloca-se em diálogo com outras áreas da vida humana. Uma destas áreas é a literatura. Por sua riqueza e amplitude, a literatura – e, especialmente, a literatura fantástica – nos ajuda a refletir sobre esse tema.

Nesse sentido, compreender a literatura fantástica como lugar teológico é um meio possível de recuperar uma unidade, experimentada na diversidade, entre dimensões humanas necessárias à produção de sentido, algo desconsiderado pela ótica racionalista que permeia o conhecimento ocidental desde o século XIX. Vale reconsiderar Deus como o grande contador de histórias, como Aquele que imaginou o universo e que, por isso, o fez ser “muito bom!”, e como Aquele que convida os seres humanos a, juntamente com Ele, criar histórias sobre sua criação.²⁸

²⁵ Ibid., p. 71

²⁶ Ibid., p. 94

²⁷ Ibidem.

²⁸ VASCONCELLOS, Marcio Simão de. **Teologia e Literatura Fantástica: a redenção na Trilogia Cósmica de C. S. Lewis**. São Paulo: Reflexão; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2017, p. 225

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

CALVINO, Ítalo. **O visconde partido ao meio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A Literatura Fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Coleção Letras nº 9.

CESERANI, Remo. **O fantástico**. Curitiba: UFPR, 2006.

GARCIA RUBIO, Alfonso. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 4ª edição. São Paulo: Paulus, 2006.

GARCIA RUBIO, Alfonso. **A caminho da maturidade na experiência de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2008.

GESCHÉ, Adolphe. **O ser humano**. Coleção Deus para pensar. Volume 2. São Paulo: Paulinas, 2003.

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

REIMER, Ivoni Richter. **Grava-me como selo sobre teu coração. Teologia bíblica feminista**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

TRIGO, Luciano. *'A arte existe porque a vida não basta', diz Ferreira Gullar*. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/noticia/2010/08/arte-existe-porque-vida-nao-basta-diz-ferreira-gullar.html> (acesso em 29/10/2021)

VASCONCELLOS, Marcio Simão de. **Mística cristã e literatura fantástica em C. S. Lewis**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

VASCONCELLOS, Marcio Simão de. **Teologia e Literatura Fantástica: a redenção na Trilogia Cósmica de C. S. Lewis**. São Paulo: Reflexão; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2017.